

O Livro de Urântia

<< [Documento 92](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 94](#) >>

Documento 93

Maquiventa Melquisedeque

93:0.1 (1014.1) OS MELQUISEDEQUES são amplamente conhecidos como Filhos das emergências, pois eles se engajam em atividades de uma variedade incrível nos mundos de um universo local. Quando surge um problema extraordinário qualquer, ou quando algo inusitado está para ser realizado, é quase sempre um Melquisedeque que aceita a missão. A capacidade dos Filhos Melquisedeqes de funcionar em emergências e em níveis muito diversificados do universo, até no nível físico da manifestação da personalidade, é peculiar à sua ordem. Apenas os Portadores da Vida compartilham, em qualquer grau, desse extenso metamorfismo nas funções de personalidade.

93:0.2 (1014.2) A ordem Melquisedeque de filiação do universo tem estado extremamente ativa em Urântia. Um corpo de doze deles serviu em conjunto com os Portadores da Vida. Outro corpo de doze Melquisedeqes posteriormente tornou-se administrador do vosso mundo, pouco depois da secessão de Caligástia, e continuou com

autoridade até os tempos de Adão e Eva. Esses doze Melquisedeqes retornaram a Urântia, quando da falta de Adão e Eva, e continuaram, daí em diante, como administradores planetários, até o dia em que Jesus de Nazaré, como o Filho do Homem, tornou-se o Príncipe Planetário titular de Urântia.

1. A Encarnação de Maquiventa

93:1.1 (1014.3) A verdade revelada esteve ameaçada de extinção durante os milênios que seguiram o não-cumprimento da missão Adâmica, em Urântia. Ainda que fazendo progressos intelectuais, as raças humanas, aos poucos, estavam perdendo terreno espiritualmente. Por volta de 3 000 a.C., o conceito de Deus havia-se tornado muito nebuloso nas mentes dos homens.

93:1.2 (1014.4) Os doze administradores Melquisedeqes sabiam da iminente auto-outorga de Michael neste planeta, mas não sabiam quão imediatamente ocorreria; e, por isso eles reuniram-se em conselho solene e pediram aos Altíssimos de Edêntia que alguma providência fosse tomada, para manter a luz da verdade em Urântia. Esse pedido foi invalidado pelo mandado de que “a condução dos assuntos no 606 de Satânia está plenamente nas mãos dos custódios Melquisedeqes”. Estes administradores então apelaram à ajuda do Pai Melquisedeqe, mas apenas receberam a resposta de que deveriam continuar a manter a verdade da maneira que eles próprios

escolhessem “até a chegada de um Filho de auto-outorga”, que “iria resgatar, da negligência e da incerteza, os títulos planetários”.

93:1.3 (1014.5) E foi em consequência de terem sido deixados tão completamente por conta dos próprios recursos que Maquiventa Melquisedeque, um dos doze administradores planetários, tornou-se voluntário para fazer o que tinha sido feito apenas por seis vezes em toda a história de Nébadon: personalizar temporariamente na Terra um homem deste reino, auto-outorgando a si próprio como um Filho emergencial para prestar ministração a este mundo. A permissão para essa aventura foi concedida pelas autoridades de Sálvington, e a encarnação factual de Maquiventa Melquisedeque foi consumada nas proximidades do local que estava destinado a se tornar a cidade de Salém, na Palestina. Toda a transação da materialização desse Filho Melquisedeque foi executada pelos administradores planetários, com a cooperação dos Portadores da Vida, alguns dos Mestres Controladores Físicos e outras personalidades celestes residentes em Urântia.

2. O Sábio de Salém

93:2.1 (1015.1) Maquiventa outorgou-se às raças humanas de Urântia 1 973 anos antes do nascimento de Jesus. A sua vinda não foi espetacular; a sua materialização não foi testemunhada por olhos humanos. Ele foi visto pelo homem mortal pela primeira vez naquele dia memorável em que entrou na tenda de Andon, um pastor caldeu

de origem suméria. E a proclamação da sua missão ficou corporificada em uma simples afirmação que ele fez a esse pastor: “Eu sou Melquisedeque, sacerdote de El Elyon, o Altíssimo, o único Deus”.

93:2.2 (1015.2) Quando o pastor se recobrou do seu espanto, e depois de haver feito muitas perguntas ao estranho, convidou Melquisedeque para cear com ele; e essa foi a primeira vez, na sua longa carreira no universo, que Maquiventa comeu comida material, o alimento que iria sustentá-lo durante os seus noventa e cinco anos de vida como um ser material.

93:2.3 (1015.3) E, naquela noite, enquanto eles conversavam sob as estrelas, Melquisedeque começou a sua missão de revelação da verdade da realidade de Deus, quando, com um movimento circular de seu braço, ele disse a Andon: “El Elyon, o Altíssimo, é o divino criador das estrelas do firmamento e desta Terra mesma, na qual vivemos, e ele é também o supremo Deus do céu”.

93:2.4 (1015.4) Dentro de uns poucos anos, Melquisedeque havia reunido em torno de si um grupo de alunos, discípulos e crentes, que formaram o núcleo da futura comunidade de Salém. Ele ficou logo conhecido na Palestina como o sacerdote de El Elyon, o Altíssimo, e como o sábio de Salém. Algumas das tribos da vizinhança sempre se referiam a ele como o xeique, ou o rei, de Salém. Salém era o local que, depois do desaparecimento de Melquisedeque, transformou-se na cidade de Jébus, sendo posteriormente chamada Jerusalém.

93:2.5 (1015.5) Na aparência pessoal, Melquisedeque assemelhava-se aos povos noditas e sumérios, então mesclados, tendo quase um metro e oitenta de altura e possuindo uma presença imponente. Falava o caldeu e uma meia dúzia de outras línguas. Vestia-se de um modo bem semelhante aos sacerdotes cananeus, exceto que usava no peito um emblema com três círculos concêntricos, o símbolo da Trindade do Paraíso, em Satânia. Com o decorrer do seu ministério, a insígnia dos três círculos concêntricos veio a ser considerada tão sagrada pelos seus seguidores que eles nunca ousaram usá-la, e foi logo esquecida com o passar de umas poucas gerações.

93:2.6 (1015.6) Embora Maquiventa houvesse vivido à maneira dos homens deste reino, ele nunca se casou, nem poderia ter deixado prole na Terra. O seu corpo físico, conquanto fosse semelhante ao de um ser humano masculino, era, na realidade, da ordem daqueles corpos especialmente construídos, usados pelos cem membros materializados da assessoria do Príncipe Caligástia, exceto que não trazia o plasma da vida de nenhuma raça humana. Nem havia mais em Urântia uma árvore da vida disponível. Houvesse Maquiventa permanecido por algum tempo mais longo na Terra e o seu mecanismo físico haver-se-ia gradativamente deteriorado; o que sucedeu foi que ele completou a sua missão de auto-outorga em noventa e quatro anos, muito antes que o seu corpo material houvesse começado a desfazer-se.

93:2.7 (1016.1) Este Melquisedeque encarnado recebeu um Ajustador do Pensamento, que residiu na sua personalidade supra-humana, como monitor do tempo e mentor da carne, adquirindo, assim, certa

experiência e recebendo uma introdução prática aos problemas de Urântia e da técnica de residir um Filho encarnado, que capacitou esse espírito do Pai a funcionar tão valentemente na mente humana do Filho de Deus, Michael, quando mais tarde este apareceu na Terra à semelhança de um mortal na carne. E este é o único Ajustador do Pensamento a ter funcionado em duas mentes em Urântia, e ambas as mentes sendo tanto divinas quanto humanas.

93:2.8 (1016.2) Durante a encarnação na carne, Maquiventa manteve pleno contato com os seus onze companheiros do corpo dos custódios planetários, mas ele não podia comunicar-se com outras ordens de personalidades celestes. À parte os administradores Melquisedeqes, ele não tinha nenhum contato mais com outras inteligências supra-humanas do que tem um ser humano.

3. Os Ensinaamentos de Melquisedeque

93:3.1 (1016.3) Passada uma década, Melquisedeque organizou as suas escolas em Salém, dando a elas o padrão do antigo sistema que havia sido desenvolvido pelos primeiros sacerdotes setitas do segundo Éden. Mesmo a idéia do sistema do dízimo, introduzida por Abraão, posteriormente convertido por Melquisedeque, também derivou das tradições remanescentes dos métodos dos antigos setitas.

93:3.2 (1016.4) Melquisedeque ensinou o conceito de um só Deus, de uma Deidade universal, mas permitiu ao povo associar esse ensinamento ao Pai da Constelação de Norlatiadeque, a quem ele

chamava de El Elyon — o Altíssimo. Melquisedeque manteve-se em silêncio quanto ao status de Lúcifer e quanto ao estado de coisas em Jerusém. Lanaforge, o Soberano do Sistema, pouco tinha a ver com Urântia, antes do término da auto-outorga de Michael. Para uma maioria dos estudantes de Salém, Edêntia era o céu e o Altíssimo era Deus.

93:3.3 (1016.5) A maioria das pessoas interpretava o símbolo com os três círculos concêntricos que Melquisedeque adotou como insígnia da sua outorga, como representando três reinos, o dos homens, o dos anjos e o de Deus. E a todos foi permitido continuarem com essa crença; pouquíssimos dentre os seus seguidores chegaram a saber que os três círculos eram um símbolo da infinitude, um emblema da eternidade e da universalidade da Trindade do Paraíso, a divina mantenedora e diretora; mesmo Abraão considerava esse símbolo como sendo o dos três Altíssimos de Edêntia, pois havia sido instruído a ele que os três Altíssimos funcionavam como um. Quando Melquisedeque ensinava o conceito da Trindade, simbolizado pela sua insígnia, geralmente ele o associava aos três governantes Vorondadeques, da constelação de Norlatiadeque.

93:3.4 (1016.6) Para o grosso dos seus seguidores, ele não fez nenhum esforço de apresentar ensinamentos para além do fato do governo dos Altíssimos de Edêntia — os Deuses para Urântia. Para alguns, porém, Melquisedeque ensinou a verdade avançada, abrangendo a condução e a organização do universo local; enquanto que, para o seu brilhante discípulo Nordan, o quenita, e para a sua turma de

estudantes empenhados, ele ensinou as verdades do superuniverso e mesmo de Havona.

93:3.5 (1016.7) Os membros da família de Katro, com quem Melquisedeque viveu por mais de trinta anos, conheciam muitas dessas verdades mais elevadas e as perpetuaram por muito tempo na própria família, até os dias mesmo do seu ilustre descendente Moisés, que, desse modo, teve acesso a uma imponente tradição dos dias de Melquisedeque, trazida pelo lado do seu pai, bem como por meio de outras fontes, pelo lado da sua mãe.

93:3.6 (1016.8) Melquisedeque ensinou aos seus seguidores tudo o que eles tiveram capacidade para receber e assimilar. E mesmo muitas idéias religiosas modernas, sobre o céu e a Terra, o homem, Deus e os anjos, não estão tão afastadas desses ensinamentos de Melquisedeque. Contudo, esse grande instrutor subordinou tudo à doutrina de um único Deus, uma Deidade universal, um Criador celeste, um Pai divino. Esse ensinamento foi enfatizado, com o propósito de atrair a adoração do homem e preparar o caminho para a vinda posterior de Michael, como o Filho deste mesmo Pai Universal.

93:3.7 (1017.1) Melquisedeque ensinou que, em algum tempo futuro, outro Filho de Deus viria na carne como ele havia vindo, mas que nasceria de uma mulher; e foi por isso que inúmeros instrutores, posteriormente, sustentaram que Jesus era um sacerdote, ou um ministro, “para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”.

93:3.8 (1017.2) E assim Melquisedeque preparou o caminho, estabelecendo no mundo o estágio de tendência monoteísta,

apropriado para a auto-outorga de um verdadeiro Filho do Paraíso do único Deus de fato, a quem ele tão vividamente retratou como sendo o Pai de todos, e a quem ele representou para Abraão como um Deus que aceitaria o homem nos termos simples da fé pessoal. E Michael, quando apareceu na Terra, confirmou tudo o que Melquisedeque havia ensinado a respeito do Pai do Paraíso.

4. A Religião de Salém

93:4.1 (1017.3) As cerimônias da adoração em Salém eram muito simples. Todas as pessoas que assinavam ou que faziam marcas nas listas das tábuas de argila na igreja de Melquisedeque comprometiam-se a memorizar e seguiam a seguinte crença:

93:4.2 (1017.4) 1. Acredito em El Elyon, o Deus Altíssimo, o único Pai Universal e Criador de todas as coisas.

93:4.3 (1017.5) 2. Aceito a aliança de Melquisedeque com o Altíssimo, que confere o favor de Deus à minha fé; sem sacrifícios, nem holocaustos.

93:4.4 (1017.6) 3. Prometo obedecer aos sete mandamentos de Melquisedeque e contar as boas novas dessa aliança com o Altíssimo a todos os homens.

93:4.5 (1017.7) E esse era todo o credo da colônia de Salém. Todavia, mesmo essa curta e simples declaração de fé foi excessiva e avançada demais para os homens daqueles dias. Eles simplesmente não

podiam entender a idéia de obter o favor divino por nada — pela fé. Eles estavam muito profundamente imbuídos da crença de que o homem nascia em débito com os deuses. Por tempo demais e com uma seriedade sincera e excessiva, haviam eles feito sacrifícios e dádivas, aos sacerdotes, para serem capazes de compreender as boas-novas de que a salvação, o favor divino, era um dom dado de graça a todos os que acreditassem na aliança com Melquisedeque. Contudo, Abraão acreditou de modo indeciso e ainda assim isso foi “recebido como um ato de retidão”.

93:4.6 (1017.8) Os sete mandamentos promulgados por Melquisedeque foram modelados ao longo das linhas da suprema lei da Dalamátia e em muito se assemelhavam aos sete mandamentos ensinados no primeiro e no segundo Édens. Esses mandamentos da religião de Salém foram:

93:4.7 (1017.9) 1. Não servirás a nenhum Deus, senão ao Criador Altíssimo do Céu e da Terra.

93:4.8 (1017.10) 2. Não duvidarás de que a fé é a única condição necessária para a salvação eterna.

93:4.9 (1017.11) 3. Não darás falso testemunho.

93:4.10 (1017.12) 4. Não matarás.

93:4.11 (1017.13) 5. Não furtarás.

93:4.12 (1018.1) 6. Não cometerás adultério.

93:4.13 (1018.2) 7. Não mostrarás desrespeito pelos teus pais, nem pelos mais velhos.

93:4.14 (1018.3) Se bem que nenhum sacrifício fosse permitido na colônia, Melquisedeque bem sabia quão difícil é desenraizar subitamente os costumes há muito já estabelecidos e, por isso, sabiamente, ofereceu a esse povo o sacramento do pão e do vinho como substituto do sacrifício mais antigo da carne e do sangue. Está registrado: “Melquisedeque, rei de Salém, instituiu o pão e o vinho”. Mas mesmo essa inovação cautelosa não teve um êxito total; as várias tribos mantinham, todas, centros auxiliares nos arredores de Salém, onde ofereciam sacrifícios e holocaustos. Mesmo Abraão recorreu a essa prática bárbara, depois das suas vitórias sobre Quedorlaomer; ele simplesmente não se sentiu totalmente à vontade até que houvesse oferecido um sacrifício convencional. E Melquisedeque nunca teve êxito em erradicar totalmente essa tendência aos sacrifícios nas práticas religiosas dos seus seguidores, nem mesmo nas de Abraão.

93:4.15 (1018.4) Como Jesus, Melquisedeque aplicou-se estritamente ao cumprimento da missão da sua auto-outorga. Ele não tentou reformar os costumes, nem mudar os hábitos do mundo, nem mesmo promulgar práticas sanitárias avançadas, nem verdades científicas. Ele veio para realizar duas missões: manter viva, na Terra, a verdade de um único Deus e preparar o caminho para a outorga mortal subsequente de um Filho do Paraíso deste Pai Universal.

93:4.16 (1018.5) Melquisedeque ensinou a verdade elementar revelada, em Salém, durante noventa e quatro anos e, durante esse tempo, Abraão freqüentou a escola de Salém por três vezes distintas. Ele,

finalmente, tornou-se um convertido aos ensinamentos de Salém, tornando-se um dos alunos mais brilhantes e um dos principais esteios de Melquisedeque.

5. A Escolha de Abraão

93:5.1 (1018.6) Embora possa ser um erro falar de “povo eleito”, não é um erro referir-nos a Abraão como um indivíduo escolhido. Melquisedeque deu a Abraão a responsabilidade de manter viva a verdade de um Deus, distinguindo-a da crença, que prevalecia, em deidades múltiplas.

93:5.2 (1018.7) A escolha da Palestina como local para as atividades de Maquiventa foi, em parte, baseada no desejo de estabelecer contato com alguma família humana que corporificasse os potenciais da liderança. Na época da encarnação de Melquisedeque, havia muitas famílias na Terra igualmente bem preparadas para receber a doutrina de Salém, tanto quanto a de Abraão. Havia famílias igualmente dotadas entre os homens vermelhos, os homens amarelos e os descendentes dos anditas, a oeste e ao norte. De novo, porém, nenhuma dessas localidades era tão bem situada, para o aparecimento subsequente de Michael na Terra, quanto a costa oriental do mar Mediterrâneo. A missão de Melquisedeque na Palestina e o posterior aparecimento de Michael, em meio ao povo hebreu, foram, em grande parte, determinadas pela geografia, pelo fato de que a Palestina estava centralmente localizada com relação ao

comércio, às vias de comunicação existentes e à civilização do mundo de então.

93:5.3 (1018.8) Por algum tempo, os administradores Melquisedeqes haviam estado observando os ancestrais de Abraão e, confiantes, esperavam que surgissem, em uma certa geração, filhos que seriam caracterizados pela inteligência, pela iniciativa, pela sagacidade e pela sinceridade. Os filhos de Terah, pai de Abraão, em todos os sentidos, satisfaziam a essas expectativas. A possibilidade de contato com esses versáteis filhos de Terah tinha bastante a ver com o aparecimento de Maquiventa, em Salém, em vez de no Egito, China, Índia, ou entre as tribos do norte.

93:5.4 (1019.1) Terah e toda a sua família eram convertidos ainda pouco sinceros à religião de Salém, a qual havia sido pregada na Caldéia; eles souberam de Melquisedeqe por meio da pregação de Ovídio, um instrutor fenício que proclamava as doutrinas de Salém em Ur. Eles deixaram Ur com a intenção de ir diretamente para Salém, mas Nahor, irmão de Abraão, não tendo estado com Melquisedeqe, não estava entusiasmado e persuadiu-os a permanecerem em Haran. Muito tempo passou, depois de haverem chegado à Palestina, antes que se dispusessem a destruir *todos* os deuses caseiros que haviam trazido consigo; eles foram lentos em renunciar aos muitos deuses da Mesopotâmia, em favor do Deus único de Salém.

93:5.5 (1019.2) Umas poucas semanas depois da morte de Terah, pai de Abraão, Melquisedeqe enviou um dos seus estudantes, Jaram, o hitita, para tornar seu convite extensivo tanto a Abraão quanto a Nahor: “Vinde a Salém, onde ireis ouvir os nossos ensinamentos

sobre a verdade do Criador eterno e, na descendência esclarecida dos irmãos que vós sois, todo o mundo será abençoado”. E Nahor não havia ainda aceitado totalmente o ensinamento de Melquisedeque; ele permaneceu atrás e construiu uma forte cidade-estado que levou o seu nome; mas Lot, sobrinho de Abraão, decidiu ir com o tio para Salém.

93:5.6 (1019.3) Ao chegar em Salém, Abraão e Lot escolheram um forte nas colinas, próximo da cidade, onde eles poderiam defender-se contra os múltiplos ataques de surpresa dos invasores do norte. Nessa época, os hititas, assírios, filisteus e outros grupos estavam constantemente pilhando as tribos na parte central e sulina da Palestina. Do seu abrigo fortalecido nas colinas, Abraão e Lot fizeram freqüentes peregrinações a Salém.

93:5.7 (1019.4) Não muito depois de se haverem estabelecido perto de Salém, Abraão e Lot foram pelo vale do Nilo, para obter suprimentos alimentares, pois havia, então, uma seca na Palestina. Durante essa breve permanência no Egito, Abraão encontrou um parente distante no trono egípcio, e serviu de comandante em duas expedições militares de muito êxito para esse rei. Durante a última parte da sua permanência no Nilo, ele e a sua esposa, Sara, viveram na corte e, ao deixar o Egito, ele recebeu uma parte dos despojos das suas campanhas militares.

93:5.8 (1019.5) Foi necessária muita determinação a Abraão para renunciar às honras da corte egípcia e voltar-se para o trabalho mais espiritual promovido por Maquiventa. Mas Melquisedeque era reverenciado até mesmo no Egito, e quando toda a situação foi

apresentada ao Faraó, ele veementemente instou Abraão a voltar para cumprir o seu voto à causa de Salém.

93:5.9 (1019.6) Abraão tinha ambições de ser rei e, no seu retorno do Egito, expôs a Lot o seu plano de subjugar toda a Canaã e de colocar o seu povo sob o governo de Salém. Lot inclinava-se mais pelos negócios; assim, depois de um desacordo posterior, ele foi para Sodoma, dedicar-se a fazer comércio e à criação de animais. Lot não gostava nem da vida militar, nem da vida de pastor.

93:5.10 (1019.7) Ao retornar com a sua família para Salém, Abraão começou a amadurecer os seus projetos militares. Foi logo reconhecido como governante civil do território de Salém e tinha, sob a sua liderança, sete tribos vizinhas confederadas. Foi com grande dificuldade que Melquisedeque de fato conseguiu conter Abraão, que estava inflamado de entusiasmo para conquistar as tribos vizinhas, na ponta da espada, para que elas fossem assim mais rapidamente tornadas conhecedoras das verdades de Salém.

93:5.11 (1019.8) Melquisedeque mantinha relações pacíficas com todas as tribos vizinhas; ele não era militarista e nunca havia sido atacado por qualquer dos exércitos durante as suas idas e vindas por ali. Ele estava inteiramente de acordo com a idéia de que Abraão devesse formular e adotar uma política defensiva para Salém, do modo como foi posteriormente levada a efeito, mas não aprovava os esquemas ambiciosos de conquistas do seu aluno; desse modo, aconteceu um distanciamento amigável na relação, Abraão indo para Hebron para estabelecer a sua capital militar.

93:5.12 (1020.1) Em vista das suas estreitas relações com o ilustre Melquisedeque, Abraão possuía uma grande vantagem sobre os pequenos reis da vizinhança; todos eles reverenciavam Melquisedeque e, indevidamente, temiam a Abraão. Abraão sabia desse medo e apenas aguardava uma ocasião oportuna para atacar os seus vizinhos, e a desculpa para fazê-lo veio quando alguns desses governantes tiveram a presunção de invadir a propriedade do seu sobrinho Lot, que morava em Sodoma. Ao saber disso, Abraão, na chefia das suas sete tribos confederadas, marchou sobre o inimigo. A sua própria guarda pessoal de 318 homens dirigiu o exército, com mais de 4 000 integrantes, que se lançou, então, ao ataque.

93:5.13 (1020.2) Quando Melquisedeque ouviu sobre a declaração de guerra feita por Abraão, partiu para dissuadi-lo, mas apenas alcançou o seu antigo discípulo quando ele retornava vitorioso da batalha. Abraão insistiu que o Deus de Salém havia dado a ele a vitória sobre os seus inimigos e persistiu em dar um décimo dos seus despojos para o tesouro de Salém. Os outros noventa por cento ele levou para a sua capital, em Hebron.

93:5.14 (1020.3) Após essa batalha de Sidim, Abraão tornou-se o líder de uma segunda confederação de onze tribos, e não só pagava o dízimo a Melquisedeque, mas fazia com que todos os outros na vizinhança fizessem o mesmo. As suas tratativas diplomáticas com o rei de Sodoma, aliadas ao medo que ele geralmente inspirava, tiveram como resultado que o rei de Sodoma e outros se uniram a Hebron em confederação militar; Abraão estava indo realmente bem no sentido de estabelecer um estado poderoso na Palestina.

6. A Aliança de Melquisedeque com Abraão

93:6.1 (1020.4) Abraão tinha em vista a conquista de toda a Canaã. A sua determinação era enfraquecida apenas pelo fato de que Melquisedeque não iria aprovar esse empreendimento. Abraão, porém, já havia praticamente decidido embarcar nele quando o pensamento de que não tinha nenhum filho para sucedê-lo como governante desse reino proposto começou a preocupá-lo. Arranjou uma outra conversa com Melquisedeque; e foi no curso dessa entrevista que o sacerdote de Salém, o Filho visível de Deus, persuadiu Abraão a abandonar o seu esquema de conquista material e de governo temporal, em favor do conceito espiritual do Reino do céu.

93:6.2 (1020.5) Melquisedeque explicou a Abraão sobre a inutilidade de contendas contra a confederação dos amoritas, mas fê-lo também compreender que esses clãs atrasados estavam certamente cometendo o suicídio nas suas práticas tolas, pois, em poucas gerações, eles estariam tão enfraquecidos que os descendentes de Abraão, nesse meio tempo grandemente aumentados, poderiam facilmente dominá-los.

93:6.3 (1020.6) E Melquisedeque fez uma aliança formal com Abraão, em Salém. Ele disse a Abraão: “Olha agora para os céus e conta as estrelas, se fores capaz; pois assim tão numerosa a tua semente será”. E Abraão acreditou em Melquisedeque, “e isso foi atribuído a ele

como retidão”. E então Melquisedeque contou a Abraão sobre a futura ocupação de Canaã pela sua descendência, depois da permanência deles no Egito.

93:6.4 (1020.7) Essa aliança entre Melquisedeque e Abraão representa o grande acordo urantiano entre a divindade e a humanidade, por meio do qual Deus concorda em fazer *tudo*; o homem apenas concorda em *acreditar* nas promessas de Deus e em seguir as suas instruções. Até esse momento, havia-se acreditado que a salvação poderia ser assegurada apenas por obras — sacrifícios e oferendas; e, agora, Melquisedeque novamente trazia a Urântia as boas-novas de que a salvação, o favorecimento de Deus, deveria ser conquistado pela *fé*. Mas esse evangelho de simples fé em Deus era muito avançado; os homens das tribos semitas posteriormente preferiram retomar os sacrifícios antigos de expiação dos pecados, por meio do derramamento de sangue.

93:6.5 (1021.1) Pouco tempo depois do estabelecimento dessa aliança, Isaac, o filho de Abraão, nasceu, conforme a promessa de Melquisedeque. Depois do nascimento de Isaac, Abraão teve uma atitude muito solene para com essa aliança com Melquisedeque, e foi a Salém para vê-la confirmada por escrito. Foi nessa aceitação pública e formal da aliança que ele então mudou o seu nome, de Abram para Abraão.

93:6.6 (1021.2) A maioria dos crentes de Salém havia praticado a circuncisão, ainda que Melquisedeque nunca a houvesse tornado obrigatória. E Abraão, que havia feito sempre oposição à circuncisão,

nessa ocasião então decidiu tornar o evento solene, e aceitou formalmente esse rito em sinal da ratificação da aliança de Salém.

93:6.7 (1021.3) A essa rendição pública e real das suas ambições pessoais em favor dos planos maiores de Melquisedeque, seguiu-se a aparição dos três seres celestes para ele, nas planícies de Manré. Essa aparição aconteceu de fato, não obstante a sua associação com narrativas posteriormente fabricadas, relativas à destruição, que foi natural, de Sodoma e Gomorra. E essas lendas sobre os acontecimentos daqueles dias indicam quão atrasadas a moral e a ética estiveram, até mesmo em épocas relativamente recentes.

93:6.8 (1021.4) Com a consumação da aliança solene, a reconciliação entre Abraão e Melquisedeque tornou-se completa. Abraão assumiu novamente a liderança civil e militar da colônia de Salém, a qual, no seu apogeu, teve mais de cem mil pagadores regulares de dízimos, nas listas da irmandade de Melquisedeque. Abraão fez grandes melhorias no templo de Salém e forneceu novas tendas para toda a escola. Não apenas estendeu o sistema de dízimos, como também instituiu métodos aperfeiçoados de conduzir os negócios da escola, além de contribuir grandemente para um melhor direcionamento dos assuntos ligados à disseminação missionária. Ele também fez muito para promover melhorias para os rebanhos e reorganizar os projetos para os produtos leiteiros de Salém. Abraão era um sagaz e eficiente homem de negócios, um homem rico para a sua época; ele não era excessivamente pio, mas era profundamente sincero, e acreditava em Maquiventa Melquisedeque.

7. Os Missionários Melquisedeques

93:7.1 (1021.5) Melquisedeque continuou, por alguns anos, instruindo os seus estudantes e aperfeiçoando os missionários de Salém, que penetravam em todas as tribos vizinhas, especialmente no Egito, Mesopotâmia e Ásia Menor. E, à medida que passavam as décadas, esses educadores viajavam cada vez para mais longe de Salém, levando consigo o ensinamento de Maquiventa sobre a crença e a fé em Deus.

93:7.2 (1021.6) Os descendentes de Adamson, agrupados em torno das margens do lago de Van, eram ouvintes dispostos dos educadores hititas do culto de Salém. Desse antigo centro andita, os educadores eram despachados para regiões longínquas, não apenas da Europa, como da Ásia. Os missionários de Salém penetraram em toda a Europa, até mesmo nas Ilhas Britânicas. Um grupo foi, pelas Ilhas Faroe, até os andonitas da Islândia; enquanto outro atravessou a China e alcançou os japoneses das ilhas orientais. As vidas e as experiências dos homens e mulheres que se aventuraram a sair de Salém, Mesopotâmia e lago de Van, para esclarecer as tribos do hemisfério oriental, representam um capítulo heróico nos anais da raça humana.

93:7.3 (1022.1) Contudo, as tribos eram tão atrasadas e a tarefa era tão grande que os resultados foram vagos e indefinidos. De uma geração para outra, o ensinamento de Salém encontrou lugar aqui e ali, mas, exceção feita à Palestina, nunca a idéia de um único Deus foi capaz

de conseguir a lealdade continuada de uma tribo ou raça inteira. Muito antes da vinda de Jesus, os ensinamentos dos primeiros missionários de Salém haviam já submergido, em geral, nas superstições e crenças mais antigas e mais difundidas. O ensinamento Melquisedeque original havia sido quase totalmente absorvido pelas crenças na Grande Mãe, no Sol, e em outros cultos antigos.

93:7.4 (1022.2) Vós, que hoje desfrutais das vantagens da arte da imprensa, não sabeis quão difícil foi perpetuar a verdade durante esses tempos primitivos; tão fácil era perder de vista uma nova doutrina, de uma geração para outra. Havia sempre uma tendência de que a nova doutrina fosse absorvida no corpo mais antigo de ensinamentos religiosos e práticas de magia. Uma nova revelação é sempre contaminada pelas crenças evolucionárias mais antigas.

8. A Partida de Melquisedeque

93:8.1 (1022.3) Foi pouco depois da destruição de Sodoma e Gomorra que Maquiventa decidiu terminar a sua auto-outorga de emergência em Urântia. A decisão de Melquisedeque de dar fim à sua estada na carne foi influenciada por inúmeras condições, a principal delas sendo a tendência crescente das tribos vizinhas, e mesmo dos seus parceiros imediatos, de considerá-lo um semideus, de vê-lo como um ser sobrenatural, o que de fato ele era; mas eles estavam começando

a reverenciá-lo de modo indevido e com um medo altamente supersticioso. Além dessas razões, Melquisedeque queria deixar a cena das suas atividades terrenas um tempo suficiente antes da morte de Abraão, para assegurar que a verdade de um Deus e um só Deus pudesse tornar-se estabelecida de modo firme nas mentes dos seus seguidores. E, desse modo, Maquiventa retirou-se, certa noite, para a sua tenda, em Salém, tendo dito boa-noite aos seus companheiros humanos, e quando eles foram chamá-lo na manhã seguinte, ele não estava lá, pois os seus companheiros o haviam levado.

9. Após a Partida de Melquisedeque

93:9.1 (1022.4) O desaparecimento tão súbito de Melquisedeque foi uma grande provação para Abraão. Se bem que Melquisedeque houvesse advertido abertamente aos seus seguidores que deveria, em algum tempo, partir, do modo como havia chegado, eles não se conformaram com a perda do seu maravilhoso líder. A grande organização montada em Salém quase desapareceu, embora tenha sido sobre as tradições daqueles dias que Moisés se haja apoiado, quando levou os escravos hebreus para fora do Egito.

93:9.2 (1022.5) A perda de Melquisedeque produziu, no coração de Abraão, uma tristeza que ele nunca superou completamente. Ele havia abandonado Hebron, quando desistira da ambição de edificar

um reino material; e agora, com a perda do seu inspirador, na construção do Reino espiritual, ele partiu de Salém, indo para o sul, para viver próximo dos seus interesses em Gerar.

93:9.3 (1022.6) Abraão tornou-se amedrontado e tímido, imediatamente depois do desaparecimento de Melquisedeque. Ele escondeu a sua identidade ao chegar em Gerar, tanto assim que Abimelec apropriou-se da sua esposa. (Pouco depois do seu casamento com Sara, uma noite Abraão tinha ouvido sobre um complô para assassiná-lo, para tirar-lhe a sua brilhante esposa. E esse temor transformou-se em um terror para aquele líder tão bravo e ousado em tantas outras coisas; durante toda a sua vida ele temera que alguém o matasse secretamente para ficar com Sara. E isso explica por que, em três ocasiões diferentes, esse bravo homem demonstrou uma verdadeira covardia.)

93:9.4 (1023.1) Mas Abraão não ficou por muito tempo impedido de cumprir sua missão como sucessor de Melquisedeque. Logo, ele fez conversões em meio aos filisteus e junto ao povo de Abimelec; fez um tratado com eles e, em troca, tornou-se contaminado por muitas das superstições deles, particularmente pela prática do sacrifício de primogênitos. Assim, de novo, Abraão tornou-se um grande líder na Palestina. Ele foi reverenciado por todos os grupos e honrado por todos os reis. Ele era o líder espiritual de todas as tribos vizinhas, e a sua influência continuou por algum tempo depois da sua morte. Durante os últimos anos da sua vida, uma vez mais ele retornou a Hebron, cenário das suas primeiras atividades e local onde havia trabalhado junto com Melquisedeque. O último ato de Abraão foi

enviar serviçais de confiança à cidade do seu irmão, Nahor, na fronteira com a Mesopotâmia, para assegurar que uma mulher do seu próprio povo fosse a esposa do seu filho Isaac. Há muito o casamento entre primos havia sido um costume do povo de Abraão. E Abraão morreu confiante naquela fé em Deus que ele havia aprendido de Melquisedeque nas extintas escolas de Salém.

93:9.5 (1023.2) Para a geração seguinte, foi difícil compreender a história de Melquisedeque; passados quinhentos anos, muitos consideraram toda a narrativa como um mito. Isaac manteve-se bastante próximo dos ensinamentos do seu pai e manteve a crença da colônia de Salém, mas, para Jacó, foi mais difícil compreender o significado dessas tradições. José foi um crente firme em Melquisedeque e, um tanto por causa disso, foi encarado pelos seus irmãos como um sonhador. As honrarias concedidas a José, no Egito, o foram principalmente devido à memória do seu bisavô Abraão. A José foi oferecido o comando militar dos exércitos egípcios, mas, sendo um crente tão firme nas tradições de Melquisedeque e nos ensinamentos posteriores de Abraão e Isaac, ele escolheu servir como administrador civil, acreditando que poderia, assim, trabalhar melhor para o avanço do Reino dos céus.

93:9.6 (1023.3) O ensinamento de Melquisedeque foi pleno e completo, mas os registros desses dias pareceram impossíveis e fantásticos para os sacerdotes hebreus posteriores, embora muitos tivessem alguma compreensão daqueles acontecimentos, pelo menos até a época em que os registros do Antigo Testamento foram revisados em massa na Babilônia.

93:9.7 (1023.4) O que o Antigo Testamento registra como conversas entre Abraão e Deus, na realidade, aconteceu entre Abraão e Melquisedeque. Posteriormente, os escribas encararam o termo Melquisedeque como sinônimo de Deus. Os registros de tantos contatos de Abraão e Sara com “o anjo do Senhor” referem-se às suas numerosas entrevistas com Melquisedeque.

93:9.8 (1023.5) As narrativas hebraicas sobre Isaac, Jacó e José são muito mais confiáveis do que aquelas sobre Abraão, se bem que elas também contenham muitos pontos divergentes do que é factual, devido a alterações feitas intencionalmente e não intencionalmente na época da compilação desses registros pelos sacerdotes hebreus, durante o cativeiro na Babilônia. Quetura não foi esposa de Abraão; como Agar, ela foi meramente uma concubina. Todas as propriedades de Abraão foram para Isaac, o filho de Sara, que tinha status de esposa. Abraão não era tão velho quanto o registro indica e a sua esposa era muito mais nova. Essas idades foram deliberadamente alteradas, com o fito de prover um subsequente nascimento de Isaac, pretendido como miraculoso.

93:9.9 (1023.6) O ego nacional dos judeus ficou tremendamente deprimido durante o cativeiro da Babilônia. Na sua reação contra a inferioridade nacional, eles oscilaram para o outro extremo do egotismo nacional e racial e, nisso, distorceram e perverteram as suas tradições para exaltar-se, colocando a si próprios acima de todas as raças, como povo escolhido de Deus; e assim, eles cuidadosamente refizeram todos os registros com o propósito de colocar Abraão e os seus outros líderes nacionais muito acima de

todas as outras pessoas, não excetuando o próprio Melquisedeque. Os escribas hebreus destruíram, pois, todos os anais que puderam encontrar dessas épocas memoráveis, preservando apenas a narrativa do encontro de Abraão e Melquisedeque depois da batalha de Sidim, encontro que fazia refletir uma grande honra sobre Abraão.

93:9.10 (1024.1) E assim, ao perder Melquisedeque de vista, eles também perderam o ensinamento desse Filho emergencial a respeito da missão espiritual de auto-outorga do Filho prometido. Perderam de vista tão plena e completamente a natureza dessa missão, que poucos da sua progênie puderam ou quiseram reconhecer e receber Michael, quando ele apareceu na Terra e na carne, como Maquiventa havia predito.

93:9.11 (1024.2) Todavia, um dos escritores do Livro dos Hebreus compreendeu a missão de Melquisedeque, pois está escrito: “Esse Melquisedeque, sacerdote do Altíssimo, também foi um rei da paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo nem início de dias nem fim de vida, mas como um Filho de Deus, ele permanece para sempre como um sacerdote”. Esse escritor definiu Melquisedeque como um ser do tipo auto-outorgado, como posteriormente o foi Michael, afirmando que Jesus era “um ministro para sempre da ordem de Melquisedeque”. Ainda que essa comparação não seja de todo feliz, foi literalmente verdadeiro que Cristo recebeu um título provisório em Urântia, “segundo as ordens dos doze administradores Melquisedeques” em exercício, na época da sua auto-outorga neste mundo.

10. O Status Atual de Maquiventa Melquisedeque

93:10.1 (1024.3) Durante os anos da encarnação de Maquiventa, os administradores Melquisedeqes de Urântia funcionaram em número de onze. Quando Maquiventa considerou completa a sua missão, como um Filho emergencial, ele indicou esse fato aos seus onze coligados, e eles imediatamente colocaram à disposição dele a técnica por meio da qual deveria ser liberado da carne e devolvido a salvo ao seu status original, de Filho Melquisedeque. E, ao terceiro dia depois do seu desaparecimento de Salém, ele apareceu em meio aos seus onze companheiros na missão em Urântia e reassumiu a sua carreira interrompida como um dos administradores planetários do 606 de Satânia.

93:10.2 (1024.4) Maquiventa terminou a sua auto-outorga como uma criatura de carne e sangue, tão sem cerimônia e tão subitamente quanto a havia começado. Nem o seu aparecimento nem a partida foram acompanhados de qualquer anúncio inusitado ou demonstração; nem uma lista de chamada de ressurreição, nem um fim de dispensação planetária marcaram o seu aparecimento em Urântia; a sua outorga foi de emergência. Maquiventa, porém, não terminou a sua temporada na carne dos seres humanos antes de haver sido devidamente liberado pelo Pai Melquisedeque e não antes de haver sido informado de que a sua outorga emergencial havia

recebido a aprovação do dirigente executivo de Nébadon, Gabriel de Sálvington.

93:10.3 (1024.5) Maquiventa Melquisedeque continuou a manter um grande interesse pelos assuntos dos descendentes daqueles homens que haviam acreditado nos seus ensinamentos, quando ele estava na carne. Contudo, a progênie de Abraão, por intermédio de Isaac, na linha de intercasamento com os quenitas, era a única linhagem que por um longo tempo continuou nutrindo um conceito claro dos ensinamentos de Salém.

93:10.4 (1024.6) Esse mesmo Melquisedeque continuou a colaborar, durante os dezenove séculos seguintes, com muitos profetas e videntes, tratando assim de manter vivas as verdades de Salém até que se completasse o tempo da vinda de Michael à Terra.

93:10.5 (1025.1) Maquiventa continuou como administrador planetário até os tempos do triunfo de Michael em Urântia. Depois disso, ele ficou ligado ao serviço de Urântia, em Jerusém, como um dos vinte e quatro diretores, tendo sido, apenas recentemente, elevado à posição de embaixador pessoal do Filho Criador em Jerusém, com o título de Príncipe Planetário Vice-Regente de Urântia. Acreditamos que, enquanto Urântia permanecer como planeta habitado, Maquiventa Melquisedeque não retornará totalmente aos deveres da sua ordem de filiação e permanecerá, em termos de tempo, para sempre como ministro planetário, representando Cristo Michael.

93:10.6 (1025.2) Como a sua outorga em Urântia foi de emergência, não consta nos anais qual possa ser o futuro de Maquiventa. Pode acontecer que o corpo Melquisedeque de Nébadon haja sofrido a

perda permanente de um dos da sua ordem. Comunicações recentes, vindas dos Altíssimos de Edêntia e, mais tarde, confirmadas pelos Anciões dos Dias de Uversa, sugerem, com ênfase, que esse Melquisedeque de auto-outorga esteja destinado a tomar o lugar do Príncipe Planetário caído, Caligástia. Se as nossas conjecturas a esse respeito estiverem corretas, é bastante possível que Maquiventa Melquisedeque possa novamente aparecer pessoalmente em Urântia e, de algum modo diferente, reassumir o papel do Príncipe Planetário destronado, ou, então, aparecer na Terra para funcionar como Príncipe Planetário Vice-Regente, representando Cristo Michael, que é, agora, quem de fato detém o título de Príncipe Planetário de Urântia. Ainda que esteja longe de parecer claro, para nós, qual possa ser o destino de Maquiventa, contudo, acontecimentos recentes sugerem enfaticamente que as conjecturas anteriores provavelmente não estejam muito distantes da verdade.

93:10.7 (1025.3) Compreendemos muito bem como, por meio do seu triunfo em Urântia, Michael tornou-se o sucessor não só de Caligástia e de Adão; como também tornou-se o Príncipe Planetário da Paz e o segundo Adão. E, agora, vemos ser conferido a esse Melquisedeque o título de Príncipe Planetário Vice-Regente de Urântia. Será ele também constituído como Filho Material Vice-Regente de Urântia? Ou haverá a possibilidade de que um evento inesperado e sem precedentes ocorra, tal como o retorno ao planeta, a qualquer momento, de Adão e Eva, ou de alguns dos seus descendentes como representantes de Michael, com os títulos de Vice-Regentes do segundo Adão de Urântia?

93:10.8 (1025.4) E todas essas especulações, associadas à certeza dos aparecimentos futuros tanto de Filhos Magisteriais, quanto de Filhos Instrutores da Trindade, em conjunção com a promessa explícita do Filho Criador de retornar em algum momento, fazem de Urântia um planeta de futuro imprevisto e tornam-no uma das mais interessantes e misteriosas esferas em todo o universo de Nébadon. É mesmo possível que, em alguma era futura, quando Urântia se estiver aproximando da era de luz e vida, depois que os casos da rebelião de Lúcifer e da secessão de Caligástia houverem sido finalmente julgados, possamos testemunhar as presenças em Urântia, simultaneamente, de Maquiventa, Adão, Eva e Cristo Michael, bem como a de um Filho Magisterial ou mesmo de Filhos Instrutores da Trindade.

93:10.9 (1025.5) Há muito, a opinião da nossa ordem tem sido de que a presença de Maquiventa no corpo de diretores de Urântia em Jerusém, junto aos vinte e quatro conselheiros, é evidência suficiente para garantir a crença de que ele está destinado a seguir adiante, com os mortais de Urântia, no esquema de progressão e ascensão do universo até mesmo ao Corpo de Finalidade do Paraíso. Sabemos que Adão e Eva estão destinados a acompanhar os seus companheiros da Terra na aventura até o Paraíso, quando Urântia estiver estabelecida em luz e vida.

93:10.10 (1025.6) Há menos de mil anos, este mesmo Maquiventa Melquisedeque, outrora o sábio de Salém, esteve presente invisivelmente em Urântia por um período de cem anos, atuando como governador-geral residente do planeta; e se o sistema atual de

direção dos assuntos planetários continuar, ele deverá retornar em pouco mais de mil anos e retomar a mesma função.

93:10.11 (1026.1) Tal é a história de Maquiventa Melquisedeque, uma das figuras mais singulares de todas as que já estiveram ligadas à história de Urântia, e uma personalidade que pode estar destinada a desempenhar um importante papel na experiência futura do vosso irregular e inusitado mundo.

93:10.12 (1026.2) [Apresentado por um Melquisedeque de Nébadon.]